



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

RODRIGO REGAZONNI DE OLIVEIRA

**HORDA E REGRESSO? O IMPACTO POLÍTICO-ELEITORAL DAS
MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS EM SOCIEDADES DE
DESCONFIANÇA GENERALIZADA**

Brasília
2022

RODRIGO REGAZONNI DE OLIVEIRA

**HORDA E REGRESSO? O IMPACTO POLÍTICO-ELEITORAL DAS
MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS EM SOCIEDADES DE
DESCONFIANÇA GENERALIZADA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. Me. Carlos C. M. Frausino.

Brasília
2022

RODRIGO REGAZONNI DE OLIVEIRA

**HORDA E REGRESSO? O IMPACTO POLÍTICO-ELEITORAL DAS
MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS EM SOCIEDADES DE DESCONFIANÇA
GENERALIZADA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Me. Carlos C. M. Frausino.

Brasília, 14 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Me. Carlos C. M. Frausino.

Prof. Me. João R. V. de Carvalho Stemler Veiga

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedicado a Herivelto Paiano Nascimento
(in memoriam)

RESUMO

Com base no pressuposto segundo o qual as Mídias Sociais Digitais (MSD) acirram o comportamento de massa e também lhe confere novos formatos, o objetivo principal deste trabalho consiste em analisar como o então pré-candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, explorou o descontentamento e a desconfiança populares para obter apoio às suas pretensões político-eleitorais no ano de 2018, particularmente a partir do *Facebook*. O conteúdo escrito e audiovisual necessário ao exame foi extraído da *fanpage* de Jair Bolsonaro no *site* graças ao recurso *Netvizz* – outrora disponibilizado pela plataforma mas indisponível atualmente – e a outros *softwares* e procedimentos próprios. Com relação ao tratamento dos dados empíricos, a estratégia de pesquisa adotada configura um estudo de caso. Um capítulo foi destinado para cada uma das três aspirações específicas do trabalho. Primeiramente, busca contextualizar o êxito político-eleitoral alcançado, com ênfase na discussão teórica sobre desconfiança generalizada, democracia representativa e o lugar das MDS nesse debate. Em seguida, examina as principais características e peculiaridades da plataforma norte-americana, bem como analisa o conteúdo do discurso do referido ator político - notadamente o relativo ao mês de janeiro de 2018. Por fim, a última parte aborda, do ponto de vista psicanalítico, quatro questões-chave com a pretensão de fornecer uma contribuição à explicação do fenômeno Bolsonaro. A saber: as condições psíquicas individuais propiciadoras da sujeição; as origens especulares da psicologia de massa; as principais características de um grupo organizado e as consequências de seu avultamento na contemporaneidade, sucedidas de considerações finais.

Palavras-chave: Bolsonaro; mídias sociais; democracia representativa; desconfiança generalizada; psicanálise.

ABSTRACT

Based on the assumption that Social Media intensify group behavior and give it new forms, the present work seeks to analyze how the then pre-candidate for the 2018 presidential election, Jair Bolsonaro, exploited popular discontent and mistrust to obtain support for his political ambitions, particularly through Facebook. The work consists of a case study. The written and audiovisual content used was extracted from Jair Bolsonaro's fanpage through the Netvizz application and others softwares. A chapter has been written for each specific objective of the work. First, the work contextualizes Bolsonaro's success, with emphasis on the theoretical discussion of generalized distrust, representative democracy and social media. Next, it analyzes the main features of the North American website, as well as examines the content of the discourse of the political actor published in January 2018. The last part addresses four key issues to make a contribution to the explanation of the Bolsonaro phenomenon from the point of view of psychoanalysis: the individual psychic conditions behind the submission; the specular origins of mass psychology; the main characteristics of an organized group and the consequences of its growth in contemporary times, and ends with a conclusion.

Keywords: Bolsonaro; social media; representative democracy; widespread distrust; psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 DESCONFIANÇA GENERALIZADA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA: CRISE OU MAL-ESTAR?	11
1.1 Representação política em uma era de redes	14
2 AS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O PROCESSO DEMOCRÁTICO	17
2.1 O papel do <i>Facebook</i> na campanha de Jair Bolsonaro	17
2.2 Análise de conteúdo das postagens	19
<i>2.2.1 Aspectos metodológicos</i>	19
<i>2.2.2 Janeiro: considerações de ordem quantitativa e qualitativa</i>	19
3 HORDA E REGRESSO? UMA LEITURA PSICANALÍTICA NECESSÁRIA	24
3.1 O Ideal do Eu e o ideal da massa: algumas observações	25
3.2 O homem: um animal de rebanho?	26
3.3 O papel das ligações libidinais no grupo	28
3.4 Implicações psicossociais: o homem cada vez mais massa e menos sujeito na era da informação?	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A comunicação nas últimas décadas experimenta um momento único com o surgimento de novas tecnologias da informação e comunicação, entre as quais as Mídias Sociais Digitais (MSD)¹ ocupam um lugar de relevo. O uso destas ferramentas observado em várias partes do mundo exhibe um aumento gradativo, cuja tendência de autocomunicação em massa funde diferentes lógicas de comunicação – da interpessoal à radiodifusão – e impacta a dinâmica da esfera pública devido à possibilidade dos conteúdos originados de usuários comuns atingirem alcance de massa (GERBAUDO, 2018). Livres das limitações afeitas ao rádio e à TV, cujo número reduzido de emissoras e controle prévio da programação pelos editores restringe, a rigor, o tempo e o alcance destinado à divulgação dos conteúdos, as MSD são hoje parte constitutiva das estruturas e práticas sociais (HALL, 2016) e ilustram um avanço sem paralelo em matéria interativa. Em face dos recursos oferecidos por elas, tornou-se possível hoje mensurar o alcance e a atratividade de conteúdos publicados nas plataformas, entre os quais se destacam os de natureza política. Cada vez mais, a condução de campanhas e de estratégias eleitorais confere às referidas tecnologias uma relevância crescente (SUNSTEIN, 2017), não raro nelas se baseando como complemento ou mesmo alternativa às limitações colocadas pelo tempo de propaganda eleitoral e recursos partidários escassos.

De um modo geral, campanhas eleitorais exitosas são decorrentes do suporte a elas oferecido por legendas de expressão ou coligações partidárias, *status* dos candidatos e alcance de seus discursos (XENOS; MACAFE; POLE, 2015). Com relação a este último ponto, o desempenho junto à esfera virtual contribui para a sua ampliação por proporcionar maior difusão de conteúdos e interação *on-line* entre o postulante e o eleitorado para além das restrições colocadas pela grande mídia tradicional. Esta novidade, em termos históricos, não somente modificou a maneira como os candidatos percebem os eleitores, mas também o modo como os eleitores se relacionam com a política em geral. Enquanto a TV, o rádio e o jornal impresso configuram mídias cuja operação consiste largamente em produzir conteúdos a ser transmitidos ao público, o *Facebook*, em especial, denota um avanço ao possibilitar

¹ Para os fins deste trabalho, mídias sociais digitais denotam meios de comunicação operados no âmbito da internet, como o *Facebook* e o *Twitter*. Por intermédio delas, usuários podem não apenas interagir como também publicar escritos, conteúdos fotográficos e audiovisuais. Mídia social digital distingue-se, portanto, de rede social e também da mídia de comunicação de massa tradicional. A rede social caracteriza o campo interativo humano, ou seja, pessoas conectadas por afinidades e interesses comuns capazes de se servirem da internet e de seus recursos (como as MSD) para formar redes sociais *on-line*. Por sua vez, a mídia de massa tradicional constitui um meio difusor de conteúdos em larga escala (como os jornais impressos e a TV), embora apresente restrições em relação à participação do público receptor.

comunicação entre toda a população usuária da plataforma e também entre cada usuário com o responsável pelo conteúdo político veiculado. Evidentemente, as implicações deste fenômeno para a relação entre sociedade e Estado se fazem cada vez mais visíveis com o acesso crescente da internet por dispositivos móveis no País (CETIC.BR, 2018), principalmente em ocasiões nas quais segmentos da população expressam o seu descontentamento frente a crises econômicas e megaescândalos.

Hoje, em razão da elevada capilaridade social das MSD, milhões de brasileiros conseguem se organizar pela rede para promover eventos de grande impacto sociopolítico, sem os custos implicados pela mídia tradicional. Tal inovação, se por um lado confere às pessoas recursos adicionais para pressionar a condução política, por outro enseja circunstâncias pouco propícias ao debate público e mais afeitas ao acirramento de posições antagônicas². Tudo em meio a um cenário de escassa confiança interpessoal³ e nas suas instituições⁴ tendente à formação de um mal-estar passível de aproveitamento por atores políticos com discursos controversos.

Autor de declarações polêmicas, Jair Messias Bolsonaro – atualmente filiado ao Partido Liberal (PL) mas eleito Presidente da República pelo antigo Partido Social Liberal (PSL)⁵ –, obteve expressiva projeção no âmbito das MSD nas últimas eleições presidenciais. Em face de 90% de seus eleitores possuírem acesso à internet⁶, pode-se afirmar que o engajamento do militar reformado junto ao *Facebook*⁷ contribuiu decisivamente para impulsionar a sua candidatura (OLIVEIRA, 2018). No ambiente virtual ou mesmo nas ruas, a

² Para Mouffe (2005), a formulação da questão central para a política democrática passa pelo reconhecimento do “político” (a dimensão do antagonismo inerente às relações humanas) como premissa para tomar a “política” (conjunto de práticas, discursos e instituições destinadas a organizar a coexistência humana em condições sempre suscetíveis de conflito) como uma tentativa de domesticar a hostilidade e conter o potencial antagonismo existente nas relações humanas. Todavia, sendo a política terreno dos homens e não de divindades ungidas pela perfeição de caráter (RAMOS, 2007, p. 29), resta saber até que ponto é possível lidar com antagonismos em níveis exacerbados.

³ De acordo com o Latinobarômetro (2018), não há confiança interpessoal no Brasil devido ao fato de somente 4% dos brasileiros confiarem na maioria das pessoas. É o menor índice da América Latina.

⁴ Divulgado em outubro de 2017, o Índice de Confiança na Justiça brasileira (ICJ Brasil), organizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), registrou queda nos percentuais de praticamente todas as instituições pesquisadas. O Governo Federal (6%), o Congresso Nacional e os partidos políticos (ambos com 7%) são as instituições em que os brasileiros menos confiam. Por outro lado, as Forças Armadas (56%) e a Igreja Católica (53%) desfrutam de maior confiança.

⁵ A sigla fundiu-se ao partido Democratas (DEM) neste ano, dando origem ao União Brasil (UNIÃO).

⁶ Afirmação de Márcia Cavallari, diretora do Ibope (MACHADO, 2017). Ademais, restrições em matéria de estrutura partidária, propaganda eleitoral e fundos de campanha reforçam a hipótese do papel relevante evocado pelas MSD.

⁷ Engajamento é um termo utilizado pelo *Facebook* para medir o relacionamento entre os perfis e seus seguidores. Refere-se ao número de curtidas, compartilhamentos, reações e comentários alcançados pelas postagens (KLENK; PRUDENCIO, 2016, p. 314). O então pré-candidato pelo PSL ocupava, entre os políticos brasileiros, a primeira colocação no *Facebook* em matéria de seguidores. Sua página oficial contabiliza mais de 5 milhões de curtidas em 25 de agosto de 2018 (números levantados pelo autor).

reprodução de bordões como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, “Presidente Bolsomito”, “Nossa bandeira jamais será vermelha” e “O erro da ditadura foi torturar e não matar” ainda hoje é constante. Menções às palavras “pátria” e “família” também são frequentes, assim como gestos manuais com referência a armas de fogo e uso de uniformes da seleção brasileira de futebol.

Aos comportamentos supracitados poderiam ser adicionados muitos outros, mas faz-se necessário chamar a atenção aqui para o fato de sugerirem a existência de uma massa propriamente dita, na qual a expressão do integrante é, em considerável medida, derivativa do seu sentimento de pertença a uma organização social encabeçada por um líder. Para Freud, na vida psíquica do ser individual, o outro assume um papel-chave como modelo, objeto, auxiliador ou adversário, o que torna a psicologia individual algo de social em uma perspectiva ampliada (FREUD, 1921/2014, p. 14). Ademais, ao situar a psicologia da massa como anterior à individual ou, por assim dizer, civilizada, o fundador da psicanálise reporta o caráter inquietante e compulsivo da massa aos seus próprios fundamentos como horda. Nesse sentido, a atrofia da personalidade individual consciente do indivíduo observada em circunstâncias afins, bem como a orientação de seus pensamentos e sentimentos em uma única direção – àquela sinalizada pelo líder – constituem efeitos de regressão a um estado anímico primitivo, tendo por fulcro um macho poderoso e pretensamente disposto a amá-los e a guiá-los.

Com base no pressuposto segundo o qual as MSD acirram o comportamento de massa e também lhe confere novos formatos, o objetivo principal deste trabalho consiste em analisar como o então pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro explorou o descontentamento e a desconfiança populares para obter apoio às suas pretensões político-eleitorais no ano de 2018, particularmente a partir do *Facebook*. O conteúdo escrito e audiovisual necessário ao exame foi extraído da *fanpage* de Jair Bolsonaro no site graças ao recurso *Netvizz* – outrora disponibilizado pela plataforma mas hoje indisponível – e a outros softwares e procedimentos próprios.

Com relação ao tratamento dos dados empíricos, a estratégia de pesquisa adotada pelo trabalho configura um estudo de caso. Entre as aspirações específicas, para as quais foi destinado um capítulo para cada uma, o trabalho procura primeiramente contextualizar o êxito político-eleitoral alcançado, com ênfase na discussão teórica sobre desconfiança generalizada, democracia representativa e o lugar das MSD nesse debate. Em seguida, no segundo capítulo, examina as principais características e peculiaridades da plataforma norte-americana, bem como analisa o conteúdo do discurso do então pré-candidato – notadamente o relativo ao mês de janeiro de 2018. Por fim, a última parte aborda, do ponto de vista psicanalítico, quatro

questões-chave com a pretensão de fornecer uma contribuição à explicação do fenômeno Bolsonaro. São elas: as condições psíquicas individuais propiciadoras da sujeição; as origens especulares da psicologia de massa; as principais características de um grupo organizado e as consequências de seu avultamento na contemporaneidade, sucedidas de considerações finais.

1 DESCONFIANÇA GENERALIZADA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA: CRISE OU MAL-ESTAR?

Abordar o fenômeno maior da desconfiança apresentado pelos regimes democráticos nas últimas décadas, bem como seu peso na conformação de uma percepção de crise da democracia se faz necessário para melhor situar os impactos das tecnologias junto às sociedades mais acometidas pelo problema, nas quais o Brasil ocupa um lugar de destaque. Notadamente a partir da publicação do relatório destinado à Comissão Trilateral⁸ nos anos 1970, a tese da crise da democracia ganhou projeção junto ao debate político. As conclusões do referido documento apontavam para a emergência de ameaças à governança democrática surgidas como efeito de seu próprio êxito em proporcionar bem-estar às massas. Expresso de outra forma, a condução política que havia demonstrado êxito em prover medidas necessárias ao crescimento dos países trilaterais no pós-Segunda Guerra teria revelado sinais de esgotamento para lidar com matérias cada vez mais complexas (CROZIER; HUNTINGTON; WATANUKI, 1975).

Assim, demandas crescentes e diversificadas por parte da população somada à progressiva impotência dos governantes para atendê-las basearia certo ceticismo em relação ao futuro da democracia. Todavia, a frustração retratada não tardou a ser questionada por um importante projeto⁹ cuja pretensão consistiu justamente em verificar os padrões globais de apoio político a instituições democráticas. A adoção de novos critérios de diferenciação do apoio político por pesquisas mais detalhadas permitiu a identificação de um dado esclarecedor: a frustração em relação à configuração tradicional da democracia não se estendia ou abarcava a democracia enquanto um valor. Em outras palavras, a insatisfação crescente das sociedades democráticas com o desempenho de suas instituições, partidos e atores políticos não refletia necessariamente uma descrença quanto aos princípios da democracia. Deste modo, a tensão observada entre ideais e realidade denotaria a emergência do que alguns autores denominam como *critical citizens*, ou seja, cidadãos críticos em relação à consagração de certo modelo e não no ideal que o fundamenta (NORRIS, 1999).

⁸ A Comissão Trilateral é um fórum não governamental composto por referências do mundo dos negócios, academia, governo e mídia, assim como da sociedade civil. Formada em 1973 por cidadãos do Japão, da União Europeia e América do Norte (mais precisamente Estados Unidos e Canadá), busca promover uma cooperação mais estreita entre essas áreas industrializadas do mundo com responsabilidades de liderança compartilhadas no sistema internacional mais amplo.

⁹ Mais informações em Norris (1999).

No tocante ao Brasil atual, observa-se no País a prevalência de certa inquietação social, por quase uma década, ilustrada por manifestações e protestos motivados por diferentes razões. Desde o descontentamento estudantil frente ao aumento do preço da passagem do transporte urbano em 2013 até a insatisfação popular em desfavor dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), cujos efeitos levaram milhões de pessoas às ruas no ano de 2016, a conciliação entre os distintos grupos sociais e políticos envolvidos nas mobilizações parece cada vez mais distante. Todavia, a despeito deste cenário e dos reduzidos níveis de confiança interpessoal e nas instituições do País já mencionados anteriormente, pode-se afirmar que a democracia ainda é considerada a melhor forma de governo pela maioria de sua população¹⁰.

Contudo, oscilações bruscas a esse apoio observadas nos últimos anos requerem mais atenção quanto às perspectivas de sua manutenção, haja vista a queda de 54% para 32%, entre 2015 e 2016, e de 43% para 34% entre os anos de 2017 e 2018, conforme o Latinobarômetro (2018). Assim, se por um lado é possível questionar a tese da "crise da democracia" conforme colocada por alguns autores em suas previsões na década de 1970, por outro não se pode ignorar o mal-estar decorrente do que podemos definir como erosão do apoio a instituições públicas e também privadas, tal como a grande mídia de notícias¹¹.

A suspeita por trás do comportamento crítico da sociedade em relação à atuação de seus representantes políticos assume um papel relevante na perspectiva teórica de alguns autores. De acordo com Rosanvallon (2008), a desconfiança afigura-se fundamental para a vitalidade do sistema político por predispor os atores sociais a agir por todos os meios limitadores e corretivos disponíveis – de natureza formal ou informal – contra representantes interessados em impor controle sobre os processos políticos realizados em seu nome. A este conjunto de meios de pressão e procedimentos a serviço dos cidadãos em sua relação com o Estado o autor denomina como *contrademocracia*¹², entre os quais as MSD ocupam hoje o seu

¹⁰ Segundo pesquisa conduzida pelo Idea Big Data a pedido da revista Exame (2018), a democracia é a melhor forma de governo para 88% dos entrevistados. Já para o latinobarômetro (2018), 34% declararam ser a democracia preferível a qualquer outra forma de governo. Por fim, questionamento análogo realizado pelo Instituto Datafolha (2018) acusou um percentual de 69%.

¹¹ As mídias sociais, como *Facebook* e *Twitter*, ocuparam a terceira colocação entre as instituições mais confiáveis pelo ICJ Brasil, com 37%. Encontram-se à frente da imprensa escrita, com 35%.

¹² Para Rosanvallon, o governo representativo eleitoral, a *contrademocracia* e a reflexão política e deliberação constituem os três pilares da experiência democrática. Cada um contribui para a organização do sistema político. O governo representativo eleitoral fornece os fundamentos institucionais do sistema, a *contrademocracia* desafia as regras e injeta vitalidade e, por fim, a reflexão política e a deliberação oferecem densidade histórica e social. Assim, a *contrademocracia* não é contrária a nenhum dos outros dois pilares da democracia como um todo, mas constitui um aspecto desta responsável por incrementar a dimensão eleitoral ao se manifestar como fator de pressão sobre o segmento político. A *contrademocracia* das sociedades democráticas de desconfiança generalizada denota o concurso de poderes indiretos e disseminados na sociedade na sua relação com o Estado. Em outras palavras, complementa a democracia episódica do sistema representativo eleitoral habitual.

lugar como recurso cada vez mais acessível à população para ampliar ações de monitoramento e avaliação para além da ideia de legitimidade conferida pelo voto. Rosanvallon radica esta legitimidade expandida notadamente nas reputações, tanto de indivíduos¹³ quanto de regimes. A reputação, assim, assumiria um caráter de “instituição invisível” sobre as quais a confiança é baseada. Todavia, mesmo o ativo da confiança do eleitorado em seu representante pode comportar riscos ao sistema democrático, haja vista o ambiente fértil à proliferação de discursos extremistas nos quais não raro lideranças buscam concentrar apoio e poder para solapar os mecanismos institucionais de salvaguarda do regime. Assim, a contrademocracia teria o seu lado obscuro: o não político. Esta despolitização daria origem a um sentimento vago, mas persistente de mal-estar, cujos efeitos paradoxalmente teriam crescido mesmo quando a sociedade civil demonstrara ser “mais ativa, mais bem informada e mais capaz de intervir nas decisões políticas do que nunca” (ROSANVALLON, 2008, p. 306).

Por sua vez, Urbinati (2019) traz uma contribuição importante ao debate sobre desconfiança ao abordá-la a partir da ideia de a representação política constituir simultaneamente prática e instituição, cuja natureza dual seria responsável por torná-la exposta permanentemente à crítica e à insatisfação. Em um momento no qual o crescente ceticismo da população em relação à atuação dos partidos e da imprensa tradicional contrasta com seu interesse em expressar as suas frustrações e expectativas por vias não institucionais e não eleitorais de participação¹⁴, a tese a respeito de a liberdade dos cidadãos, sob um governo representativo, não demandar autonomia política parece cada vez mais consistente. Dito de outra forma, a profusão de blogs, mídias sociais e sites voltados à discussão e reivindicações políticas mostram os cidadãos mais ativos, embora não haja uma correspondência equivalente em termos de engajamento voluntário em questões públicas.

Desse modo, pode-se afirmar que a hiperatividade do cidadão na internet em comentar, questionar e julgar encontra um modo de influir sobre o processo decisório sem necessariamente manifestar interesse individual por dele participar formalmente. Neste cenário,

¹³ O não envolvimento de Jair Bolsonaro com megaescândalos de corrupção forneceu, em termos políticos, lastro às pretensões do ator e ratificaram a importância crucial da reputação em determinadas conjunturas nas quais a malversação de recursos públicos é percebida pelo povo como causa principal de seus problemas. Nos EUA, segundo Mansbridge (2003), a reputação pessoal de um político, bem como as características descritivas e o caráter (como os eleitores o julgam) fornecem previsibilidade profunda acima e além do critério de identificação partidária. Tal observação – pela autora utilizada para basear a sua noção de representação giroscópica – não parece estranha ao cenário brasileiro. Pelo contrário, contribui também para a compreensão do desempenho apresentado por Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, em face do reduzido papel representado pelo então Partido Social Liberal (PSL), uma sigla de diminuta expressão nacional, na promoção de sua campanha. A filiação do político ao PSL, inclusive, ocorreu em março de 2018, ou seja, poucos meses antes das eleições.

¹⁴ Pesquisa realizada por analistas registrou 1,1 bilhão de postagens, reações e compartilhamentos no *Facebook* durante o primeiro mês de campanha das eleições de 2018 (BERGAMO, 2018).

as suas reivindicações e protestos, quando ouvidos e incorporados ao discurso eleitoral de determinados candidatos, motiva-o a multiplicar as formas de apoio a eles¹⁵, independentemente de a distância entre o indivíduo e instituições de governo permanecer ou até mesmo aumentar. O declínio da importância do voto concomitante à expansão incremental da atividade de julgamento como substituto da autonomia política, nesse sentido, não decorre de um esforço, por parte do cidadão, para obter mais poder na tomada de decisões, mas para recuperar o controle sobre quem governa. Assim, o apoio massivo a candidatos vistos como mais responsivos e “limpos” não surpreende ao considerarmos a conjuntura política e econômica do Brasil pré-eleições de 2018, em larga medida efeito das investigações conduzidas pela operação Lava-jato e do cenário econômico desfavorável.

1.1 Representação política em uma era de redes

Para melhor situar a emergência do fenômeno Bolsonaro junto ao cenário anteriormente citado, faz-se necessário inicialmente ressaltar as mudanças sofridas pela noção de representação política ao longo das últimas décadas, a qual já não mais se reporta a um processo estanque pelo qual certo consentimento (autorização) conferido por cidadãos em um determinado período (eleições) legitima por si só os seus representantes investidos de poder (mandato) para falar e agir em seus respectivos nomes. Muito longe de caracterizar um fenômeno segundo o qual a participação do indivíduo circunscreve-se ao seu papel de eleitor, a representação política constitui hoje objeto de avaliação contínua quanto à sua definição e escopo¹⁶, entre as quais a mudança de sua natureza em uma era de redes não poderia deixar de ocupar o seu lugar nas discussões.

Com relação a esse aspecto, Coleman (2005) chama a atenção para a importância da retórica de conexão e desconexão entre cidadãos e seus representantes em sociedades de

¹⁵ Um levantamento realizado em 2019 pelo autor deste TCC identificou 98 páginas ativas no *Facebook* – todas com associação ao nome Bolsonaro. Três destas – “Bolsonaro Presidente 2018”, “Bolsonaro Opressor 2.0” e “Bolsonaro – Eu apoio” somavam juntas cerca de um milhão e setecentos mil curtidas.

¹⁶ Importa sublinhar aqui os avanços teóricos no sentido de conferir à representação política um caráter distinto do de um “substituto defeituoso” da democracia direta. Para Urbinati (2006), o fenômeno não nega a posição central da sociedade democrática (o povo) na sua composição. Pelo contrário, afirma-o ao enxergar o cidadão com alguém mais que um eleitor e valorizar menos o ato de autorização e mais o processo de autorização cuja dinâmica não se esgota com o fim das eleições. Para a autora, esta percepção marca o fim de uma concepção política de sim/não por parte da população e também o início de outra como uma arena aberta e comum de opiniões contestáveis e decisões revisáveis, em meio a qual o esforço do representante para sustentar a sua legitimidade necessita ser constante. Tomada em sua totalidade, a representação denota não só mobilização dos cidadãos em eleições, referendos e plebiscitos, mas também abrange o trabalho cotidiano de reflexão, contestação e organização do que se pode sintetizar com o termo julgamento político, com capacidade para influir sobre o processo formal pós-decisão.

massa com acesso à internet, na qual a dimensão da afetividade assume um papel fundamental frente a outros associados à representação política, como refletir, imitar ou personificar a vontade dos representados. Segundo a perspectiva acima, estar politicamente representado constitui, para a maioria da população, matéria de preocupação maior em momentos excepcionais de crise pessoal ou de excitação pública. Assim, enquanto o trabalho de representação seria permanente para os políticos eleitos¹⁷, o sentido de ser representado afigurar-se-ia em uma realização ocasional para os cidadãos e passível de reorientações.

No que tange a esse ponto, importa também sublinhar a distinção feita por Mansbridge (2003) entre as modalidades de representação “antecipatória” e “promissória”. Enquanto esta enfoca o dever normativo do representante de manter as promessas feitas na eleição autorizadora (Tempo 1), aquela se caracteriza pela capacidade do mesmo de apreender preferências futuras dos eleitores ou mesmo persuadi-los a aceitar as suas próprias durante o mandato (Tempo 2) com o objetivo de vencer o pleito posterior (Tempo 3). Evidentemente, a representação antecipatória requer interação contínua entre o representante e o eleitorado, a conformar um processo pelo qual o poder de influência de ambos é recíproco e dinâmico. Denota também um estratagema por meio da qual a preocupação do representante em prestar contas de suas promessas feitas na campanha que o elegeu revela-se menor que o senso de urgência, por exemplo, de se posicionar acerca de temas cuja gravidade concentra a maior parte da atenção do eleitorado no momento. Neste particular, o foco consiste em agradar potenciais eleitores e ampliar a base de apoio, o que parece aplicável à linha de ação adotada por Jair Bolsonaro no *Facebook*, no qual algumas mudanças observadas em seu discurso mostraram-se oportunas (HOJE..., 2017).

Ainda sobre a estratégia adotada pelo então candidato, as definições dadas por Barr (2009) a apelos *anti-establishment* e à condição de *outsider* político permitem uma leitura apropriada do conteúdo do discurso, conforme veremos com mais detalhes adiante. Para o autor, os apelos *anti-establishment* situam-se entre a oposição leal (ou seja, àquela para a qual a culpa pelas dificuldades da população recai não sobre uma classe ou sistema político, mas apenas sobre o governo em exercício), e a desleal (a que confronta, por sua vez, o próprio sistema ao atribuir a este a responsabilidade pelos problemas enfrentados pelo cidadão comum). Embora os apelos *anti-establishment* não preconizem a substituição da democracia *per se*, por meio deles atores ou partidos buscam convencer potenciais apoiadores de sua desvinculação com a

¹⁷ Particularmente na demonstração da habilidade colocada pelo autor como “coerência”, por meio da qual o representante conectado demonstra capacidade para articular diversas experiências e narrativas atraentes ao eleitorado, bem como agregar interesses e preferências não raro conflitantes sob um discurso único.

estrutura de poder vigente. Formulados com base na clivagem “governantes” e “governados”, destinam-se a atacar elites políticas e/ou econômicas apontadas como causa do descontentamento popular. Para alcançar sucesso, o expediente retórico demanda aceitação generalizada de seu conteúdo, que por sua vez depende, em parte, de quanto os apelos se coadunam às percepções da realidade pelo eleitorado ou em que medida se mostram capazes de manipulá-las.

No tocante ao aspecto da independência em relação à estrutura de poder alegada por políticos, o autor define a condição de *outsider* a partir da associação real de um representante com o *establishment*. Neste sentido, *outsider político* denota um ator cuja ascendência não foi conquistada por meio ou em associação com partidos competitivos, mas de maneira independente ou mediante vinculação com partidos pouco ou nada expressivos. Embora não caracterizados propriamente pelo uso de recursos *anti-establishment* para obter apoio, o *outsider* pode aproveitar a oportunidade conformada por circunstâncias desfavoráveis ao *establishment* para atacá-lo – a partir de sua posição marginal junto à correlação de forças partidárias – com o objetivo de conferir maior credibilidade à sua atuação individual. Para este trabalho, apelos *anti-establishment* proferidos por *outsiders* políticos em ambientes virtuais das MSD, caracterizados por recursos de interação e difusão inéditos, suscitam preocupações à medida que a sua aceitação pelo público revela-se expressiva (o caso do fenômeno Bolsonaro). O caráter da relação estabelecida entre atores dessa natureza e o eleitorado no âmbito da plataforma merece atenção por ensejar um tipo de ligação passível de ser encarada pelo *outsider anti-establishment* como um modo “popular” ou “mais democrático” de comunicação na comparação com as instituições midiáticas tradicionais.

2 AS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O PROCESSO DEMOCRÁTICO

2.1 O papel do *Facebook* na campanha de Jair Bolsonaro

Debates sobre a relação entre internet e democracia podem ser atestados desde o surgimento da rede no século passado. Todavia, boa parte das discussões atuais se concentra no papel das MSD como ferramentas para a ação política. A existência destas marca a ocorrência de mudanças drásticas observadas no âmbito da comunicação, mais precisamente provocada pela passagem da predominância dos meios de comunicação de massa tradicionais para a convivência com um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio, com inegável repercussão sobre o plano político à medida que a virtualidade se torna cada vez mais uma dimensão essencial de nossa realidade. O atual panorama de mídia *on-line* disponibiliza recursos não apenas para enviar textos e áudios, mas também para produzir *uploads*, montagens e mesmo conteúdo autoral.

No que tange às MSD, *sites* como o *Facebook* proporcionam ampla comunicação horizontal entre pessoas e organizações, além de possibilitar o compartilhamento de conteúdo digital para diversos fins. Embora reúna tecnicamente condições para viabilizar um maior envolvimento democrático, não se pode ignorar, todavia, a capacidade das MSD de ampliar a exposição de conteúdos não raro antidemocráticos para determinada audiência¹⁸. Dados e informações pessoais de usuários passíveis de obtenção pelos sites, assim como o conjunto de suas preferências expresso pela precisão dos *likes* e reações registrados nas postagens¹⁹ são utilizados pelos algoritmos do *Facebook* para pretensamente aprimorar a experiência da pessoa com base no reforço de suas ideias e posições. Com pouca exposição ao questionamento de sua visão de mundo, a inserção no que já se convencionou chamar de “câmaras de eco” habitua os

¹⁸ Segundo Pariser (2011), a “era da personalização” experimentada pela internet atualmente pode ser caracterizada pela capacidade dos *sites* – como o *Google* e o *Facebook* – de realizar buscas e sugerir conteúdos com base nas informações pessoais obtidas de cada usuário. Por meio da ação de uma nova geração de filtros *on-line*, é possível criar e refinar constantemente teorias acerca de quem somos e de como tendemos a proceder. Para o autor, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – uma bolha dos filtros –, capaz de alterar fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. Entrementes, as implicações do fenômeno junto ao plano político merecem atenção, em face de democracias demandarem de seus cidadãos a capacidade para pensar além de seus próprios interesses.

¹⁹ Para Dias (2018), a postagem – particularmente a pública produzida por meio do *Facebook* – denota uma composição entre escrita/oralidade e o meio digital. Nesta perspectiva, os fatores envio, percurso, espera e recepção condicionam a sua formulação. Afigura-se como uma forma de escritura produzida para fins de compartilhamento no âmbito da plataforma. Assim, se o teclar é *com* alguém, o postar é *para* alguém. Concebida a partir da ideia de circulação, a postagem alcança eficácia máxima com a *viralização* (repercussão acentuada pela rede *on-line*) e deve a esta expectativa a sua produção para fins políticos-eleitorais.

partícipes da referida mídia a interagirem mediante critérios de afinidade, a conformar uma dinâmica com impactos negativos sobre a disposição para o livre debate²⁰.

Em sociedades de desconfiança generalizada, a ampliação deste fenômeno suscita preocupações. A ampliação dos casulos sociais autorreferentes dotados de elevado grau de interconectividade representa riscos à democracia à medida que atores políticos, bem como a sua rede de apoiadores, recebem a aprovação de parcelas crescentes do eleitorado com base na estratégia discursiva de atribuir ao outro o caráter de um mal a ser eliminado, e não o de um interlocutor legítimo a ser abordado por vias propositivas e argumentativas. Embora as tecnologias de informação e comunicação tenham provido um novo espaço público, este ainda está muito distante de vir a constituir uma esfera pública pautada pela racionalidade e interesse pela deliberação. Pelo contrário, as implicações do fenômeno digital e da personalização a ele associado ensejam a formação de *públicos* pelas MSD pouco ou nada atraídos pelo debate, além de céticos em relação ao papel da grande imprensa de fornecer as informações necessárias à formação da opinião.

Em face da crescente conectividade social e do poder de difusão de conteúdos proporcionados pelas MSD, o contínuo exame do papel desta para a dinâmica política contemporânea revela-se fundamental. Mais do que ferramentas, constituem também ambientes no qual a vida social se manifesta de modo cada vez mais presente em vários aspectos, com implicações importantes para o processo político e para a percepção de desconfiança em relação a seus atores e instituições. Embora certo grau de desconfiança possa ser encarado como benéfico para a democracia, a desconfiança generalizada pode levar ao comprometimento do funcionamento do regime. Exposição frequente a conteúdos afins e voltados a desqualificar parlamentares e governantes – quando não o próprio sistema político – intensifica a desconfiança à medida que favorecem menos o debate e mais a polarização de posições refratárias a revisões. Nisto, a criação e difusão de narrativas baseadas em ataques a atores e instituições aos quais não raro se imputam o status de inimigos da nação assume um caráter preocupante à medida que exacerbam os aspectos mais negativos de nossa realidade sociopolítica, bem como viabilizam as condições para o surgimento de alternativas pouco ou nada democráticas como solução para as oscilações e pretensas falhas do regime.

2.2 Análise de conteúdo das postagens

²⁰ Para Vaidhyathan (2018), a atividade do usuário no *Facebook* é orientada pelos valores e ideias por ele defendidos. Neste aspecto, manifestações individuais de natureza política na plataforma não são motivadas pela atração por debates públicos qualificados, mas pelo desejo de expressar identidades, visões de mundo e de reforçar laços sociais com grupos de afinidade. Este comportamento, segundo o autor, confere ao *site* o papel de um fórum tribal destituído de esperanças para se tornar algo melhor.

2.2.1 Aspectos metodológicos

Com relação ao tratamento dos dados empíricos, a estratégia de pesquisa adotada pelo TCC denota um estudo de caso, por ser propícia ao tratamento de questões do tipo “como” e “por que”, e não exigir da parte do pesquisador controle sobre os eventos (YIN, 2001). Focado em acontecimentos contemporâneos e de caráter abrangente, comporta a lógica de planejamento, a coleta dos dados e a sua posterior análise. No tocante ao planejamento, buscou-se investigar como Jair Bolsonaro, por meio de sua *fanpage* no *Facebook*²¹, explorou o descontentamento e a desconfiança populares com apelos *anti-establishment* e atitude *outsider*. Por sua vez, a coleta de dados, realizada em meados de 2019, foi viabilizada por meio do recurso *Netvizz* e *softwares* de transcrição. Até a data de conclusão deste TCC, todos os *links* das postagens examinadas encontravam-se ativos, com exceção de um²². Por fim, em relação ao exame propriamente dito, foi realizada uma análise do conteúdo²³ de 66 postagens feitas durante o primeiro mês de 2018.

2.2.2 Janeiro: considerações de ordem quantitativa e qualitativa

No período em referência, a *fanpage* de Bolsonaro apresentava o melhor desempenho no *Facebook* entre os pré-candidatos à Presidência da República no quesito seguidores, com cerca de cinco milhões e liderança não ameaçada em nenhum momento por páginas rivais nos meses subsequentes²⁴. Foram levantadas e analisadas 66 postagens, das quais 22 evidenciaram de forma mais direta e explícita seus apelos *anti-establishment* e sua postura *outsider*, e 20 foram pelo ator político retiradas de outras fontes, porém alinhadas ao seu discurso. Estas publicações merecem atenção devido ao fato de terem, juntas, totalizado 63% do total das postagens e 82,2% de toda a soma de *shares* observadas no mês na *fanpage*²⁵, em

²¹ Ao ter o seu *site* divulgado pelo apresentador Emilio Surita, em entrevista à Rádio Jovem Pan concedida em 5 de fevereiro de 2018, Bolsonaro declarou a sua preferência pela divulgação de sua *fanpage* no *Facebook*. Mais em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1007261679422818>

²² <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/2266553376901502/>. Contudo, o conteúdo ao qual o endereço ora inativo fazia referência pode ser acessado pelo *Youtube* pelo link <https://youtu.be/Fli1igISOQQ>.

²³ Grosso modo, o foco no conteúdo pressupõe atenção às condições empíricas das postagens selecionadas e ao estabelecimento de categorias para interpretá-las. A considerar o contexto em que foram produzidas, busca-se identificar determinados sentidos associados aos objetivos.

²⁴ A título de comparação, a página do ex-presidente Lula da Silva acusou no período 3,2 milhões de seguidores, seguida da ex-ministra Marina Silva, com 2,2. Ambos ocupavam, respectivamente, a segunda e a terceira colocação entre os pré-candidatos com maior número de seguidores na plataforma à época.

²⁵ As postagens as quais evidenciaram a postura *outsider* e/ou *anti-establishment* foram compartilhadas 435.686 vezes na plataforma. Já a de apoiadores acusou 272.449 ações dessa natureza. Cálculos baseados nos dados do

contraste com o menor alcance comparativo em relação às outras 24 postagens de teor harmônico ou mesmo propositivo, como a defesa de pautas econômicas liberais e cooperação com países desenvolvidos. Por indicar, em larga medida, o interesse dos usuários em propagar conteúdo afim às suas visões político-ideológicas pela plataforma, o ato de compartilhar assume um papel relevante em qualquer pesquisa acerca do assunto.

No que concerne à procedência da conduta *outsider* e dos apelos *anti-establishment* de Jair Bolsonaro, a *fanpage* deste revela-se prenhe de comprovações. Em um vídeo²⁶ publicado no dia 10 de janeiro, com 45 mil compartilhamentos (número quase quatro vezes superior à média de *shares* das publicações do mês, de 12.934), Bolsonaro afirmou categoricamente ser “uma pessoa completamente fora do *establishment*, [...] diferente, [...] aquele intruso no poder”, perseguido pela Folha de S. Paulo e por partidos adeptos a governar por meio do rateio do poder público. Em trecho²⁷ de entrevista ao jornalista Boris Casoy, a acepção negativa de governabilidade também foi novamente levantada ao ser tomada como “toma-lá-dá-cá”, no qual o Partido dos Trabalhadores (PT), ao longo de seus quatro mandatos, havia adotado para garantir apoio parlamentar ao custo da “ineficiência do Estado e corrupção”. Em ambos os casos, a relação proposta entre os Poderes Executivo e Legislativo, pela perspectiva das posições do então pré-candidato, sugere emancipação completa do primeiro em relação ao segundo. Algo possível de ser feito apenas por um “candidato diferente”, “honesto”, “patriota” e com Deus no coração²⁸; àquele a quem caberia, pelo voto popular, resgatar o Brasil dos políticos mais caros e corruptos do mundo²⁹.

O viés moralista e saneador observado não apenas deriva de pressupostos afeitos à defesa da ordem e da disciplina, como também busca sua inspiração na natureza da missão das Forças Armadas. Bolsonaro enalteceu bastante o seu vínculo com o Exército Brasileiro para atacar os partidos e o que entendia por governabilidade, a defender uma maior presença da Força Terrestre em setores da administração federal ora ocupados, segundo suas palavras, por indicados políticos, como o Ministério dos Transportes³⁰. Sobre o assunto, chegou a acenar positivamente³¹ em uma oportunidade na qual foi questionado pelo jornalista Augusto Nunes se mantinha a ideia de entregar metade do conjunto dos ministérios a militares. Afirmou não

Netvizz. Embora a inserção da planilha original como Anexo a este TCC tenha se mostrado impraticável, em face da extensão e complexidade dos dados nela exibidos, pesquisadores e demais interessados pelo documento podem solicitá-lo pelo e-mail hordaaregresso@gmail.com.

²⁶ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/985723144910005/>

²⁷ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/990374314444888/>

²⁸ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1039096682905984/>

²⁹ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/996301213852198/>

³⁰ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/997370910411895/>

³¹ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1002733856542267/>

ver nisso um problema, em face dos governos petistas, em sua opinião, ter abrigado ministros corruptos e guerrilheiros³².

Ainda sobre a construção da imagem atrelada às Forças Armadas e à perspectiva política adotada como necessária ao combate à corrupção, entre outros pontos, a *fanpage* de Bolsonaro pôs em evidência demonstrações populares de apoio aos discursos do ator político, nos quais este era frequentemente comparado a “um soldado que vai a guerra [sic]”³³. Ademais, publicações de conteúdo audiovisual amador de apoiadores também revelaram a sua utilidade na promoção da imagem do então pré-candidato por estreitar a conexão com seu grupo, como na ocasião em que agradecimentos foram registrados aos grupos Endireita Natal e RadarRN pela disposição para “levantar os escudos”, “apontar espadas” e ir “à guerra” em favor de Bolsonaro³⁴.

Pra além da natureza dos apelos *anti-establishment* identificados nas postagens, estas também exibiram teor desleal ou antissistêmico em ocasiões nas quais temas relacionados à segurança pública foram abordados. Em duas oportunidades, Bolsonaro afirmou ser necessário tratar certos problemas com “radicalismo”³⁵ e não com “bolinhas de sabão”³⁶ ou “soltando pombinhas”³⁷. Neste sentido, enquete veiculada pela *fanpage*³⁸ sobre a execução a tiros de dois jovens acusados de assaltarem uma mulher sugerem respaldo à ação, em face do tom irônico adotado: “a) Deveriam ser detidos e levados à Audiência de Custódia para liberação? b) Conduzidos ao Conselho Tutelar e enquadrados no ECA? c) Tratados com humanidade, já que são apenas Excluídos da Sociedade? d) Outra”. A título de ilustração, o comentário da seguidora Isabelle Almeida na postagem revela o êxito da estratégia em torno da exploração do descontentamento público pela página, especialmente com a segurança pública: “Isso foi na minha cidade digo uma coisa já eles já eram figurinhas repetidas e inclusive haviam acabado de roubar e ainda bateu na menina. Então sem pena amigo, quem tem pena é Deus e como estamos no inferno eles sentam no colo do capeta [sic]”. O comentário gerou quase quatro mil reações positivas de outros seguidores da página.

A fixação pela autodefesa por armas de fogo – especialmente as de uso exclusivamente militar no Brasil – foi eviscerada em vídeo³⁹ no qual um dos filhos de

³² <https://www.facebook.com/watch/?v=1002733856542267>

³³ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/998356683646651/>

³⁴ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/988306691318317/>

³⁵ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/985723144910005/>

³⁶ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/996637393818580/>

³⁷ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/985723144910005/>

³⁸ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/980307582118228/>

³⁹ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/990891281059858/>

Bolsonaro, o deputado Eduardo Bolsonaro (então PSL-SP) exibe um arsenal de fuzis de assalto em um cômodo supostamente localizado nos EUA. Apresentou uma caixa repleta de munições que, segundo ele, até “uma criança de cinco anos pode comprar” pelo Wall Mart e receber pelos correios. Apesar da veracidade ou não de suas afirmações, importa destacar o sentido de urgência impresso nelas ao chamar a atenção para a necessidade de a população se preparar para a possibilidade de o País vir a se tornar uma “ditadura de [Nicolás] Maduro”. A referência à situação venezuelana também é destaque em outros conteúdos, nos quais o país vizinho é apontado como o extremo de um cenário sociopolítico o qual o Brasil tenderia a alcançar com os governos “socialistas” do Partido dos Trabalhadores (PT)⁴⁰. Ou, como o próprio texto da chamada para o vídeo sintetizou, “nunca o futuro [do Brasil] esteve tão claro à nossa frente”. Além da Venezuela, menções à aquisição de armas também foram feitas a título de necessidade frente à atuação de marginais na zona urbana – nos quais Bolsonaro não vê diferença em dar dois ou quinze tiros – e do Movimento Sem Terra (MST) em áreas rurais, cujas ações deveriam ser tipificadas como “terrorismo” e justificar até mesmo a concessão de “bolsa fuzis”⁴¹ para fazendeiros.

Ataques frequentes à mídia televisiva, impressa e até mesmo à social responsável por boa parte de sua projeção – o *Facebook* – também foram identificados ao longo do período. A Folha de S. Paulo, um jornal “canalha”, em suas palavras⁴², foi alvo da indignação de Bolsonaro por ter veiculado matéria (BRAGON; MATTOSO, 2018) cujo tema versava sobre a evolução patrimonial dele e de seus filhos ao longo da trajetória da família na política. Um vídeo⁴³ do pré-candidato publicado com a intenção de desacreditar as alegações do jornal foi compartilhado 180.476 vezes na plataforma – número treze vezes superior à média nesse quesito observado no mês –, a indicar notório poder de persuasão do ator político para rebater acusações e utilizá-las para desmoralizar seus pretensos inimigos. Com relação à Globo, o pré-candidato apoiou-se na popularidade do projeto “Que Brasil você quer para o futuro” da emissora (QUE BRASIL..., 2018) para lançar uma iniciativa análoga por meio de sua *fanpage*, na qual vídeos de apoiadores eram publicados. Em um deles, um indivíduo declara: “Eu quero um presidente de verdade, e não a serviço da mídia perversa que está promovendo a prostituição e a destruição da família. Eu quero um presidente que não seja corrupto”⁴⁴. Por fim, críticas ao próprio *Facebook* foram endossadas por Jair Bolsonaro na ocasião em que publicou um vídeo

⁴⁰ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1001031573379162/>

⁴¹ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1002733856542267/>

⁴² <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/985723144910005/>

⁴³ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/986278618187791/>

⁴⁴ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/994897893992530/>

de André Fernandes, cujo apoio obstinado ao capitão reformado do Exército o levou à Assembleia Legislativa do Ceará na condição de deputado federal mais votado no estado e também o mais jovem em 2018 (DEPUTADO..., 2018). Na ocasião, o *youtuber* apelidou a plataforma de “foicebook” devido à existência de empecilhos técnicos – comprovados pelo autor deste TCC à época – responsáveis por dificultar a emissão de convites para curtir a *fanpage* de Bolsonaro. O vídeo recebeu o seguinte comentário da própria página de Bolsonaro: “grande parte de nossa imprensa é de esquerda e está a serviço do socialismo. O controle social da mídia é uma realidade que parece não assustar muita gente”⁴⁵.

Entretanto, as posições de Bolsonaro em relação ao comportamento de minorias e sua leitura acerca de temas afeitos à sexualidade foram explicitadas em determinadas ocasiões. Em referência a um trecho de performance⁴⁶ realizada por homossexuais em ato do Partido dos Trabalhadores (PT), o pré-candidato chamou a atenção para as “cenas deploráveis” da apresentação, presenciadas por “um tipo de gente” interessado em “voltar a governar o nosso Brasil” – no caso, o ex-presidente Lula, a deputada Gleisi Hoffmann (PT-PR) e o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim. Em outra oportunidade, ao citar Fernando Henrique Cardoso em uma entrevista⁴⁷ com José Luiz Datena, o pré-candidato questionou o que o tucano estaria fazendo contra a “questão ideologia de gênero”, cujo objetivo seria “ensinar filho de pobre, em escolas públicas, a fazer sexo a partir de seis anos de idade”.

⁴⁵ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/990126847802968/>

⁴⁶ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/992182554264064/>

⁴⁷ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/992295927586060/>

3 HORDA E REGRESSO? UMA LEITURA PSICANALÍTICA NECESSÁRIA

“Ah! Podem voar mundos, morrer astros, que tu
és como Deus: princípio e fim!...”

Florbela Espanca

A citação em epígrafe, parte da última estrofe do poema “Fanatismo”, de Florbela Espanca (2012, p. 12), remete-nos a certo amor elevado a um patamar divino no qual o objeto ansiado é alçado à condição de parte fundamental da vida de um indivíduo. Embora a poesia guarde a sua utilidade como fator de saúde psíquica para Freud⁴⁸, o mesmo não pode ser dito sobre manifestações hiperbólicas de apoio a Jair Bolsonaro, as quais, ao reputar a ele o estatuto de “mito”, nos faz questionar em que medida tamanha devoção fundamenta-se apenas em razões da ordem do consciente. Em meio a um contexto cada vez mais caracterizado pela instabilidade, a política para o capitão reformado do Exército se processa a partir de uma clivagem entre aliados e inimigos, cuja neutralização destes afigura-se como condição para a consecução da ordem e do progresso do País. Por óbvio, tal perspectiva, ao pressupor a abolição dos princípios da igualdade e da liberdade para dessemelhantes degenera o espaço público democrático em uma arena dividida entre guerreiros do bem e do mal, no qual não raro expedientes arrivistas são adotados no trato com o outro em face de sua periculosidade presumida.

À parte os diversos aspectos desse fenômeno, importa abordar nesta oportunidade quatro questões: as condições psíquicas individuais ensejadoras de sujeição, as origens especulares do fenômeno de massa, as principais características de um grupo organizado e as consequências de seu avultamento. O modo como Bolsonaro comportou-se especialmente no ano de 2018, tal como um *macho alfa* à frente de um grupo de companheiros a ele vinculados, remete-nos a certos escritos psicanalíticos bastante úteis à compreensão do relacionamento entre o ator político e a sua massa de apoiadores mais obstinados.

⁴⁸ Freud (1916-1917/2014, p. 459) define como sublimação a operação segundo a qual “a aspiração sexual abre mão de sua meta voltada para o prazer parcial ou para o desejo de reprodução em favor de outra, geneticamente relacionada com a anterior, mas que já não pode ser chamada de sexual, e sim de social”.

3.1 O Ideal do Eu e o ideal da massa: algumas observações

Para entender basicamente, sob a perspectiva psicanalítica, como Bolsonaro converteu-se em uma espécie de guia por milhões de brasileiros, será preciso buscar inicialmente apoio nos conceitos de narcisismo primário e Ideal do Eu de Sigmund Freud.

Para o autor, o termo narcisismo advém de observações clínicas e designa “a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (FREUD, 1914/2014, p. 7). Todavia, para além desta concepção estrita, o fato de características isoladas da conduta narcisista serem detectadas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios motivou a conjectura segundo a qual certa alocação da libido de natureza narcísica, por exibir bastante intensidade, poderia reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano⁴⁹. Nesse sentido, o narcisismo, para Freud, não denota propriamente uma psicopatologia, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual se atribui uma porção a cada indivíduo. E o designativo “primário” faz alusão à certa condição exibida pelo mesmo indivíduo humano na fase inicial de sua existência, ou seja, à uma ilusão em meio a qual o pequeno ser afigura-se autossuficiente, onipotente e inteiramente voltado para si na busca pela satisfação de seus desejos e necessidades⁵⁰.

Por sua vez, o Ideal do Eu apresenta-se como “herdeiro” da condição original acima abordada, na qual o Eu infantil bastava a si mesmo. À medida que a criança percebe com mais nitidez não somente a existência de um meio externo independente dela como também eventualmente hostil à sua livre expressão, irrompem de seu interior necessidades de adequação frente a esse cenário no qual a obediência e identificação com os pais jogam um papel essencial na conquista de seu amor e proteção. Com efeito, temos as condições básicas postas para a confecção do Ideal do Eu, cuja emergência cria as condições para a repressão de aspectos do Eu não mais tolerados. E uma vez acolhidas as exigências e influências do ambiente externo ao próprio Eu, o Ideal do Eu torna-se o centro de gravidade de ações e pensamentos, com impactos diretos nos processos psíquicos concernentes à auto-observação, consciência moral, censura do sonho e repressão. “A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real

⁴⁹ Nota-se que a mesma especulação também havia sido levantada na condução de casos de pacientes neuróticos cujo comportamento expressava um limite à suscetibilidade em relação à influência externa.

⁵⁰ Para uma interessante discussão sobre narcisismo primário, ver Roussillon (2012).

desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição” (FREUD, 1914/2014, p. 23).

Com base no exposto, torna-se concebível admitir não somente a emancipação do Ideal do Eu frente ao Eu como também a previsão de conflitos entre as duas instâncias, em face das dificuldades com os quais o segundo eventualmente se depara no seu esforço por corresponder às expectativas do primeiro. E na hipótese de a relação revelar-se insatisfatória ao longo da vida, pode surgir uma saída ao jugo não raro implacável exercido pelo Ideal do Eu: a substituição deste por um eventual objeto (uma pessoa) com o qual o ideal se imiscui. Tal substituição por introjeção torna o objeto idealizado, admirável e investido da libido do próprio sujeito, a configurar certo fascínio amoroso por meio do qual o objeto substituto do Ideal do Eu dispõe de todo poder para pronto acadelar o fiel adorador. Assim, diferentemente da identificação, por meio da qual o ego figura como produto da assimilação de propriedades e atributos dos pais, independente da presença ou ausência deles na realidade, a substituição é percebida “quando aquilo que era para nós um ideal se localiza num objeto presente que vem, no interior de nós mesmos, representar completamente e sem crítica esse ideal” (ENRIQUEZ, 1990, p. 68).

O problema acima citado pode perfeitamente avultar-se em meio a um quadro conjuntural adverso. A percepção partilhada de falência das condições econômicas e morais de um país por seu povo, ensejada em alguma medida pela profusão de (des)informação via dispositivos móveis constitui um exemplo, e pode motivar uma infinidade de pessoas a buscar soluções na adesão submissa a lideranças radicais na vida pública. Preferencialmente um líder vigoroso, destemido e dono de si, “sem rabo preso” e “incorrupível”. Com efeito, pode-se constatar a formação do que Freud denominou como massa primária, ou seja, um agrupamento de indivíduos nos quais o Ideal do Eu permitiu-se ocupar por um único objeto. Nisto, a falta de autonomia e de iniciativa de cada indivíduo, a similitude entre a sua reação e a de todos os demais, bem como seu rebaixamento a indivíduo de massa (FREUD, 1921/2014, p. 77) são sintomáticos de sua capitulação frente ao objeto. Por outro lado, o excesso de entusiasmo e a segurança dada ao sujeito pelo grupo na ação coletiva proporcionam descargas libidinais bastante satisfatórias e “justificadas” pelas razões a seguir.

3.2 O homem: um animal de rebanho?

Muito já foi dito sobre o comportamento de rebanho ou instinto gregário das massas (TROTTER, 1916 *apud* FREUD, 1921/2014). A despeito de certos pensadores estudados pelo

próprio Freud terem defendido essa ideia, o analista austríaco chegou a outra conclusão: o homem não é propriamente um animal de rebanho, mas de horda. A partir de uma conjectura de Charles Darwin, segundo a qual a forma original da sociedade humana fora a de uma horda governada irrestritamente por um macho mais forte, importa para Freud conceber como essa horda converteu-se em uma comunidade de irmãos, a considerar também os impactos dessa transformação na organização social humana, na formação da moralidade e do pensamento religioso. Para tanto, o autor levanta uma hipótese: a transformação se deu com o violento assassinato do chefe por seus filhos, que embora o temessem também reuniam motivos para admirá-lo por seu imenso vigor⁵¹. Unidos, mostraram-se capazes de realizar um feito *impossível* para apenas um deles. E conseqüentemente, o desaparecimento da própria noção da impossibilidade lhes foi descortinada com o recurso do trabalho em grupo.

Essa premissa é muito importante, pois ao enxergar o homem como um animal de horda, e não propriamente de rebanho, a perspectiva freudiana vai tomar a massa como uma revivescimento da horda primeva, ou seja, como um agrupamento humano de companheiros ou camaradas com forte identificação entre si, e ao mesmo tempo, propensos ao fascínio pelo poder de um *único*; este único paterno que, na aurora da humanidade, desfrutava de uma condição singular para agir livremente. Aos filhos, restava apenas o ato de obediência motivado por um misto de medo e admiração⁵². Inclusive, para o autor, o tratamento implacável dispensado pelo pai da horda aos filhos – por meio do qual vedava a satisfação de seus impulsos sexuais diretos ao lhes negar o acesso às fêmeas – resultou no estabelecimento de laços afetivos entre os irmãos derivados de impulsos de meta sexual inibida, a conformar, em última análise, as causas da psicologia de massas. E com esta a condição indispensável para tornar o assassinato do *onipotente* uma possibilidade.

Ao remontar a massa à horda primeva, Freud defende também ser essa associação por ele desenvolvida capaz de esclarecer os termos-enigma “hipnose” e “sugestão”, esta parte do processo hipnótico e oriunda da história primordial da família humana. Com relação ao primeiro termo, o autor parte da premissa segundo a qual o hipnotizador coloca-se no lugar dos pais ao emitir a ordem para dormir. Mais precisamente, ou no lugar apaziguador e lisonjeiro da mãe, ou do ameaçador ligado ao pai. Assim, o hipnotizador, ao reivindicar para si a atenção da

⁵¹ Não por acaso o pai da psicanálise serviu-se da especulação segundo a qual os filhos sublevados devoraram o pai. E ao fazê-lo, consumaram a identificação para com ele com sua intenção de se apropriarem de parte da força do maioral. Mais em Freud (1912-1913/2014).

⁵² Por inferência, o pai, devido à sua força e habilidade descomunais, certamente fora também alvo de exultação pelos filhos durante o período do convívio. Afinal, quem poderia ter-lhes assegurado proteção contra as diversas e terríveis ameaças externas à horda, quando indefesos? Nisto, o reconhecimento, por parte deles, da necessidade desse fator de segurança em momentos críticos posteriores certamente persistiu por vias conscientes ou não.

pessoa hipnotizada, desperta nesta uma porção arcaica, um conteúdo reminescente, ancestral, da relação original do indivíduo com a figura poderosa e ameaçadora do pai primevo, cujo olhar e aproximação sugerem fortemente rendição e pronta obediência.

Nesse sentido, para Freud, a hipnose tem o direito de ser descrita como “uma massa a dois”, visto ser o pai da horda evocado pela figura do hipnotizador o ideal da própria massa a ele vinculado, que domina o eu no lugar do Ideal do Eu. Ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem queridos justa e igualmente por seu venerado líder, embora este não necessite amar ninguém além de si mesmo por ser-lhe facultado a condição senhorial, absolutamente narcisista, independente e seguro de si. A conduta de Jair Bolsonaro perante sua massa não parece de maneira alguma estranha a essas considerações, em face de sua recusa a tomar vacinas, da rispidez com que trata os seus próprios seguidores e ao modo com se refere a si mesmo: imorrível (referência à tentativa de homicídio a qual sobreviveu), imbrochável (alusão à pretensa condição de macho potente, com pronta disposição para copular e pai de quatro filhos homens) e incomível – celebração da heterossexualidade como norma (SOARES, 2021). Por óbvio não se trata aqui de sustentar um chefe da horda *prima facie*, mas sua emergência como uma referência alinhada ao outro como modelo colocado por Freud, ou seja, na posição de um polo identificador que pode também ser introjetado como substituto do Ideal do Eu por sua militância. E no que tange a esse ponto acerca da atratividade, a ligação do discurso de Bolsonaro com o cristianismo e o Exército Brasileiro também jogam um papel fundamental.

3.3 O papel das ligações libidinais no grupo

De modo geral, o comportamento do indivíduo na massa exhibe características curiosas, cuja expressão contrasta no geral com a conduta observada fora dela. Ao fornecer uma explicação psicológica para as transformações percebidas no indivíduo na condição de parte da massa⁵³, Freud adota por premissa as relações de amor (na forma de laços de sentimento) como essência da alma coletiva, cujas manifestações apoiar-se-iam em dois fatores: a um poder capaz de manter a massa unida e à disposição dos membros da massa de efetuar e manter relações afetuosas entre si.

Ao situar a Igreja e o exército como exemplos de massas, Freud chama a atenção para a premissa segundo a qual o amor das referências ligadas às duas instituições – Cristo e o

⁵³ Mais especificamente, de uma massa organizada, artificial e duradoura. Mais detalhes em Freud (1921/2014).

general – manifesta-se de maneira igual para todos os membros de suas respectivas massas. Com efeito, se na Igreja todos são iguais perante Deus, não há dúvida acerca da ligação de cada indivíduo a Cristo ser também a causa da ligação deles entre si. Por sua vez, ocorre algo análogo ao exército, em face de a afeição comum ao general tornar todos os seus soldados camaradas entre si (FREUD, 1921/2014, p. 48). Assim, uma vez na massa, os indivíduos conduzem-se à maneira de seres homogêneos; suportam a especificidade do outro, igualam-se a este sem sentir repulsa. Para melhor aclarar as suas afirmações, o autor faz alusão a certa aglomeração de mulheres e garotas apaixonadas por um pianista famoso. Embora pudesse haver sentimentos negativos entre elas, a impossibilidade de cada uma para alcançar a meta de seu amor motivava-as a renunciá-lo. E em vez de se agredirem, “atuam como uma massa unida, homenageiam o festejado em ações conjuntas [...]. Originalmente rivais, puderam identificar-se uma com a outra mediante o amor igual pelo mesmo objeto” (idem, 1921/2014, p. 64). Não somente no indivíduo mas também em toda humanidade, o amor opera como um fator cultural capaz de produzir uma mudança do egoísmo em altruísmo.

Com base no exposto, as ligações de natureza libidinal entre os membros da massa bolsonarista evidenciam o êxito da *performance* do então pré-candidato⁵⁴, conduzida de modo a formar e consolidar uma massa de apoiadores a partir de dois polos identificadores: a do Bolsonaro *cristão*, e enquanto tal semelhante a seus irmãos perante Deus – situado “acima de todos” conforme o seu mais famoso *slogan* –, e a do *capitão* como chefe militar, disposto a liderar os seus apoiadores contra a hegemonia do pensamento de esquerda e da corrupção no Brasil. Se o primeiro polo configura uma relação horizontal, por meio da qual semelhantes se enlaçam sob uma autoridade divina, o segundo exhibe orientação vertical, hierárquica, e pressupõe confiança e apoio irrestritos a um líder encarregado de debelar a ameaça socialista, dar um fim à corrupção e administrar sabiamente o governo. Aqui, os discursos operam como indicadores de ação contra um regime detestável de coisas⁵⁵, e visam impedir qualquer reflexão contraditória. Tudo em nome da vontade divina⁵⁶ – da qual recebeu a missão de assumir o cargo presidencial – e da anuência do que se pode denominar como *povo honorável*, ou seja, àquele

⁵⁴ Como ilustram dezenas de vídeos em sua *fanpage* nos quais a sua chegada em aeroportos pelo país é efusivamente celebrada por milhares de apoiadores.

⁵⁵ O desprezo contra rivais ou inimigos revela-se fundamental à coesão de um grupo, não sendo suficiente o amor. A presença do ódio se faz necessária; ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior. Para Enriquez (1990, p. 65), o grupo organizado só pode existir num campo generalizado de guerra. Com efeito, ele funda valores novos e consolida laços de reciprocidade entre seus membros. E por meio desse elo libidinal reforçado por ameaças externas, a força de Eros e também de Tanatos se exprime na sua criação.

⁵⁶ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1009343932547926/>

que o chefe reconhece como adesista de seus ideais e programas, distinto do *povo real*, heterogêneo, com todas as suas contradições e problemas.

Por certo os papéis *cristão/igual e líder/desigual* encontram-se unidos no conteúdo do discurso, mas não se confundem. Embora possam parecer contraditórios, não o são em virtude de a ascensão ao cargo de Presidente da República não figurar uma obsessão, mas uma “missão de Deus” para Jair Bolsonaro e seus seguidores. Assim, ao articular ambas as referências a seu favor, o “mito” enseja a formação de uma massa coesa pelo afeto à sua pessoa, ao “único obstáculo ao socialismo”⁵⁷. Ademais, a sua presença constante em cultos evangélicos e em formaturas militares é elucidativa de sua pretensão de manter as suas bases sociais mais sólidas permanentemente mobilizadas.

3.4 Implicações psicossociais: o homem cada vez mais massa e menos sujeito na era da informação?

Muito pode ser especulado acerca dos impactos do comportamento de grupo sobre a psique do indivíduo. Este, uma vez partícipe da massa, experimenta, por influência desta, uma mudança não raro profunda de sua atividade anímica. Todavia, hoje pode ser questionado em que medida o comportamento de massa demanda a presença de pessoas com pensamento afim em localidades físicas. As transformações tecnológicas observadas nas últimas décadas, entre as quais cumpre destacar a convergência entre internet, comunicação sem fio e aplicativos móveis (OLIVEIRA, 2018), aliada ao recurso da busca personalizada instituído pelo *Google*⁵⁸ favoreceram a emergência de um ambiente *on-line* propício à formação de grupos numerosos, ideologicamente consistentes e com integrantes espalhados pelo mundo. E a atuação de muitos deles contribui decisivamente para não somente erodir as já combalidas fundações do debate público, como também desgastar as instituições de Estado acionadas para lidar com o problema.

A partir do quadro acima exposto, pode-se afirmar que as MDS viabilizam hoje o comportamento de massa para além dos formatos conhecidos, como protestos, manifestações e demais eventos presenciais. As mudanças trazidas pelas ferramentas indicam a necessidade de novas abordagens capazes de melhor avaliar o peso crescente do aspecto de massa na

⁵⁷ <https://m.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/996637393818580/>

⁵⁸ Segundo Pariser (2011), desde dezembro de 2009, os resultados de buscas já não são iguais para todos. Agora, obtemos o resultado que o algoritmo do *Google* indica ser o mais interessante para cada usuário específico. Em outras palavras, já não existe um *Google* único, mas uma infinidade de “*Googles*” personalizados. Plataformas como *Facebook* operam sob a mesma lógica, a sugerir conteúdos, anúncios e páginas consoante as preferências de cada usuário do *site*.

constituição psíquica do indivíduo contemporâneo, visto que modos inéditos de *estar juntos* suscitam reflexões sobre formas imprevistas de constituição de massa. O tempo excessivo dedicado pelas pessoas hoje à *internet* sugere prejuízos ao processo de subjetivação. E por já se mostrarem no geral demasiadamente absorvidas por seus recursos excitantes e intrusivos, a experiência da falta já não é mais vivida como antes devido à hiperconexão. Assim, se por um lado os passatempos e comodidades proporcionados por aplicativos de *smartphones* estendem a permanência do indivíduo no plano virtual, por outro a atenção e os *likes* recebidos do grupo de afinidade a intensificam ainda mais por força de motivações sociopolíticas. E se talvez não caiba caracterizar a experiência como propriamente satisfatória ou *sexual*, ao menos não se pode negar o seu papel na contemplação de alternativas – ainda que precárias – de fuga da insatisfação consigo próprio ou mesmo com a vida em sua acepção maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no contexto maior de crise ou mal-estar da democracia no Ocidente – em especial no Brasil onde a desconfiança geral da população persiste e recebe suporte de tecnologias de comunicação cada vez mais acessíveis e eficientes, o TCC buscou prover uma pequena contribuição à compreensão do maior fenômeno político-eleitoral brasileiro da última década. Os apelos *anti-establishment* e antissistema de Jair Bolsonaro, a condição de *outsider* assumida e o impacto de sua atuação no psiquismo de milhões de brasileiros levantam questões urgentes, cujo tratamento exige abordagem interdisciplinar e um percurso abrangente. Conforme já abordado, para Freud, o comportamento de um indivíduo na massa pode contrastar bastante com o visto fora dela, a resultar em comprometimento das faculdades intelectuais, exacerbação da dimensão afetiva do sujeito e propensão a se alinhar ao comportamento dos demais membros do grupo.

Por certo tais características remetem-nos – embora não exclusivamente – à atividade de militantes de Jair Bolsonaro em plataformas digitais como *Facebook*, o que nos faz refletir hoje sobre a separação atribuída por Freud entre o homem enquanto indivíduo e como massa em um mundo onde as relações interpessoais mudaram e são cada vez mais mediadas por tecnologias de informação (espontânea) e comunicação (em rede). Assim, nos fenômenos de grupo virtuais da atualidade, em meio aos quais uma pessoa age impulsionada pela percepção de um coletivo ao qual se encontra associado, a sua atuação como usuário obedece a padrões semelhantes aos de massa, como na ocasião em que torcedores de um mesmo time se aglomeram em estádios ou filiados de um partido político concentram-se para ouvir o seu representante.

A forte identificação com líderes enquanto um clichê estereotípico, ou seja, como reedição de padrões de comportamento derivados de frustrações por necessidades e desejos infantis não atendidos, ligados à figura paterna, não se furtam à expressão ao serem incitados a tal pelo ambiente virtual. Neste, a premissa freudiana das relações de amor como essência da alma coletiva, e a conseqüente disposição dos membros desta massa de efetuar e manter relações afetuosas entre si demonstram ampla validade. Ademais, a conectividade permanente (*on-line*) e as reafirmações de lealdade por parte do usuário a cada conteúdo postado por Bolsonaro (ou em apoio a ele) mantém ativo no apoiador certo estado de prontidão capaz de compeli-lo a integrar eventuais massas *off-line*, notadamente em ocasiões nas quais se fazem necessárias manifestações pró-governo, bem como protestos presenciais em desfavor de atores políticos rivais.

Por óbvio há muito a se discutir e pesquisar acerca das condições psíquicas propiciadoras da formação de homens-massa nos tempos atuais, entre outros pontos. Sendo o ser humano uma criatura fundamentalmente social – e em última análise de horda para a psicanálise –, importa examinar mais a fundo a eventual preponderância de seu aspecto de massa viabilizado pelas MDS para apreender os requerimentos por trás da emergência de processos coletivos de maior vulto. A condição de incompletude levantada por Freud ao abordar a substituição do Ideal do Eu por um objeto externo, notada hoje pela experiência de imersão de usuários em seus respectivos grupos *on-line* suscita uma condição humana bastante sensível a ilusões.

Se constitui um fato a afirmação segundo a qual a informação nunca foi em tal grau acessível como hoje, também não restam dúvidas que a profusão de opiniões e desinformação observados nos tempos atuais geram grande dissonância. E com esta, provável predisposição popular a aderir a plataformas políticas não raro extremistas em cenários de crise, visto ser o poder por si próprio o que mais importa com o desmoronamento da confiança. Sem compromisso com a veracidade, a atividade do usuário obedece a outra premissa: reafirmação dos laços de afinidade grupais, para o qual o valor social das postagens compartilhadas revela-se maior que a procedência de seu conteúdo. Nisso, as escolhas feitas pelo indivíduo e as tomadas pelos algoritmos de plataformas como o *Facebook* se alimentam e contribuem decisivamente para a erosão do ideal deliberativo vital a um regime baseado na pluralidade. Num ambiente onde declarações fortes são recompensadas com mais visibilidade na comparação com a interação construtiva, o predomínio do antagonismo, da cacofonia e das reações superficiais solapam qualquer possibilidade de emprego das MDS para aprofundar o debate público acerca de questões de maior complexidade. Afinal, o diálogo só frutifica com um mínimo de afeição mútua.

A considerar como procedentes as formulações de Freud, o retorno (de aspectos) da horda como efeito do regresso a um estado psicológico primitivo denota um cenário frente ao qual devemos todos nos preparar; horda versão 2.0 por não se tratar de mais um simples reaparecimento do arcaico, mas de sua emergência entremeada aos condicionantes peculiares de uma realidade social cada vez mais mediada pela tecnologia e impactada pela desconfiança e desorientação generalizadas, onde mobilizações e consensos mostram-se mais factíveis com a percepção de ameaças, e não das necessidades comuns. Parafraseando uma reflexão algo jocosa do poeta Mário Quintana, mas de grande valor metafórico para os dias atuais, o que nos impressiona, à vista de um símio, não é que ele tenha sido o nosso passado, mas o pressentimento de que ele venha a ser o nosso futuro.

REFERÊNCIAS

- BARR, R. R. Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics. **Party Politics**, v. 1, p. 29-48, Jan. 2009.
- BERGAMO, M. Campanhas de Bolsonaro e Haddad veem chance de embate já no primeiro turno. **Folha de S. Paulo**, 18 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/09/campanhas-de-bolsonaro-e-haddad-veem-chance-de-embate-ja-no-primeiro-turno.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- BRAGON, R.; MATTOSO, C. Patrimônio de Jair Bolsonaro e filhos se multiplica na política. **Folha de S. Paulo**, 07 jan. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1948526-patrimonio-de-jair-bolsonaro-e-filhos-se-multiplica-na-politica.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- CETIC.BR. **Tic Domicílios 2017**. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo, 2018. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 07 dez. 2022.
- COLEMAN, S. The Lonely Citizen: Indirect Representation in an Age of Networks. **Political Communication**, v. 1, p. 197-214, 2006.
- CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. **Informe 2018**. Disponível em: https://www.latinobarometro.org/latdocs/informe_2018_latinobarometro.pdf. Acesso em: 07 dez. 2022.
- CROZIER, M. J.; HUNTINGTON, S. P.; WATANUKI, J. **The Crisis Of Democracy**: report on the governability of democracies to the Trilateral Commission. New York: New York University Press, 1975.
- DEPUTADO estadual mais jovem eleito no país, youtuber critica órgão que fiscaliza policiais no Ceará. **Portal G1**, 08 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/10/08/deputado-estadual-mais-jovem-eleito-no-pais-youtuber-critica-orgao-que-fiscaliza-policiais-no-ceara.ghtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ESPANCA, Florbela. “Fanatismo”. In: **Poesia de Florbela Espanca**. Porto Alegre: LF&M, 2012. p. 20.
- FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do Eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 15.

FREUD, S. (1916-1917). **Considerações sobre Desenvolvimento e Regressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 570-593, v. 13.

FREUD, S. (1914). **Introdução ao Narcisismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 12.

FREUD, S. (1912-1913). **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 11.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Relatório ICJ Brasil: 1º semestre / 2017**. 2017. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/19034/Relatorio-ICJBrasil_1_sem_2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 07 dez. 2022.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? **Media Culture & Society**, v. 5, n. 40, p. 745-753, 2018.

HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 33-46, 2016.

HOJE com discurso liberal, Bolsonaro votou com o PT em pautas econômicas. **Folha de S. Paulo**, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1936197-hoje-com-discurso-liberal-bolsonaro-votou-com-pt-em-pautas-economicas.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA. **Eleições 2018**. Intenção de voto para presidente da República. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/08/22/dca656b8f2c41be5d125ec4e51b9e513.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.

MACHADO, L. Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens? **BBC News Brasil**, 16 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761>. Acesso em: 07 dez. 2022.

MANSBRIDGE, J. Rethinking representation. **American Political Science Review**, v. 97, n. 4, p. 515-527, 2003.

MOUFFE, C. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia Política**, n. 25, p. 165-175, 2006.

NORRIS, P. **Critical citizens**: global support for democratic governance. Oxford: Oxford University Press, 1999.

OLIVEIRA, R. R. Mídias sociais digitais: implicações sobre o processo democrático. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, v. 25, p. 229-246, 2018.

PARISER, E. **The filter bubble**: how the new personalized web is changing what we read and how we think. New York: Penguin, 2011.

QUE BRASIL você quer para o futuro? **Portal G1**, 14 jan. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/que-brasil-voce-quer-para-o-futuro-saiba-como-enviar-o-seu-video.ghtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.

KLENK, L.; PRUDENCIO, D. A comunicação das Prefs: considerações preliminares sobre o alcance do Facebook como ferramenta de democracia digital. *In: SILVA, S. P.; BRAGATTO, R. C.; SAMPAIO, R. C. (org.). Democracia digital, comunicação política e redes: teoria e prática.* Rio de Janeiro: Letra & Imagem, 2016. p. 313-343.

RAMOS, M. C. Sobre a importância de repensar e renovar a ideia de sociedade civil. *In: RAMOS, M. C.; SANTOS, S. (orgs.). Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas.* São Paulo: Paulus, 2007. p. 19-48.

ROSANVALLON, P. **Counter-democracy: policy in an age of distrust.** New York: Cambridge University, 2008.

SOARES, I. Bolsonaro exhibe medalha 3 Is: "Imorrível, imbrochável e incomível". **Correio Braziliense**, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4946868-bolsonaro-exibe-medalha-3-is-imorrivel-imbrochavel-e-incomivel.html>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SUNSTEIN, C. R. **#republic: divided democracy in the age of social media.** Princeton: Princeton University Press, 2017.

URBINATI, N. **Representative democracy.** Chicago: University of Chicago, 2006.

URBINATI, N. **Creating political presence: the new politics of democratic representation.** Chicago: The University of Chicago Press, 2019.

VAIDHYANATHAN, S. **Anti-social media: how Facebook disconnect us and undermines democracy.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

XENOS, M. A.; MACAFEE, T.; POLE, A. Understanding variations in user response to social media campaigns: a study of Facebook posts in the 2010 US elections. **New Media & Society**, Chicago, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.